

Atuação profissional do licenciado em Música em ambientes extraescolares: propostas formativas e práticas abrangentes

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO: ST-2. Formação musical, diversidade e cultura: etnomusicologia e educação musical em diálogos e interações

Luciana Fernandes Rosa

Universidade Federal de Minas Gerais – lfrosa1@gmail.com

Resumo. Este trabalho lança um olhar à formação dos estudantes de Licenciatura em Música face à sua atuação profissional quando se formam. Foram analisados dois estudos com estudantes e egressos de Licenciatura nos contextos do Paraná e Rio de Janeiro. Os estudos demonstraram uma diferença entre a expectativa do licenciando/a em música em sua formação *versus* a realidade profissional que ele/a encontra ao se formar. O trabalho, através das análises de Queiroz (2017, 2020) e Requião (2020), traz propostas para adequar a formação do licenciando às suas expectativas e necessidades profissionais, pensando em um currículo que abranja diversidade de práticas e abordagens decoloniais, assim como questões decorrentes da pandemia de COVID-19.

Palavras-chave. Educação musical. Ensino e aprendizagem. Decolonialidade. Licenciatura em música. Diversidade musical.

Professional Performance of Music Graduates in Out-Of-School Environments: Comprehensive Training Proposals and Practices

Abstract. This paper takes a look at the training of Undergraduate Music Education students in light of the professional practices when they start working, after graduation. Two articles with undergraduate students and egresses in the contexts of Paraná and Rio de Janeiro were analyzed. The articles demonstrated a difference between the expectation of the music student in their training versus the professional reality they encounter when they graduate. The work, through the analyzes of Queiroz (2017, 2020) and Requião (2020), launches proposals to adapt the curriculum of the undergraduate to their professional expectations and needs, thinking of a curriculum that encompasses diversity of practices and decolonial approaches, as well as issues arising from the COVID-19 pandemic.

Keywords. Musical Education. Teaching and Learning Processes. Decoloniality. Degree in Music Education; Musical Diversity.

1. Introdução

Este trabalho propõe-se a discutir aspectos do ensino e aprendizagem de música em ambientes extraescolares, ou seja, não relacionados à organização escolar regular, compreendida pela educação formal: escolas regulares desde a educação básica até o ensino superior. Entende-se neste texto, portanto, por ambiente extraescolar todo aquele em que existe ensino de música: conservatórios, escolas de música, projetos sociais, igrejas etc. Para desenvolver a argumentação, utilizarei a revisão bibliográfica de alguns trabalhos que

analisam o perfil de egressos de cursos de licenciatura em música, tanto no que tange às questões quantitativas, em relação à atuação no mercado de trabalho, quanto às questões qualitativas, sobre as expectativas desses estudantes em relação à sua formação e atuação profissional. Também abordarei a problemática em torno do conteúdo relacionado à formação nos cursos de Licenciatura em Música, analisados por Queiróz (2017, 2020) e a questão da precariedade relações de trabalho dos músicos abordada por Requião (2003, 2020). Por fim, apontarei propostas para a formação do licenciando em Música e para sua atuação nos contextos extraescolares.

2. Expectativa e realidade do licenciado em Música

As áreas de atuação profissional que requerem o diploma de Licenciatura em Música, especificamente, são restritas às carreiras de docência no ensino superior em cursos de música, ou em algumas carreiras específicas do ensino tecnológico. Embora a lei federal 11.769/08 exija a obrigatoriedade do ensino de música no ensino regular, o docente licenciado em Artes, qualquer que seja a linguagem em que se especializou (música, artes visuais, teatro ou dança), está legalmente habilitado para lecionar o conteúdo de música no ensino básico, segundo a lei. Não é o escopo deste texto entrar no mérito dessa questão, que já foi amplamente discutida por Luciana Del-Ben (2010), entre outros autores. No entanto, é necessário questionar: Quais as expectativas de um estudante de licenciatura ao ingressar no curso? Quais as possibilidades de emprego formal e qual o mercado de trabalho que de fato se descortina para um egresso de Licenciatura em Música?

Elizabeth Travassos (1999) realizou um estudo etnográfico com estudantes de Licenciatura em Música da UNIRIO, procurando compreender que tipo de música gostavam e quais suas motivações para cursarem licenciatura. Embora este estudo seja anterior à Lei 11.769/08, ele nos aponta alguns dados que merecem ser vistos com atenção, sem desconsiderar as mudanças no cenário na Educação Musical ocorridas nesses vinte anos, além de se levar em conta o contexto local. A autora constatou que parte significativa dos alunos não cursavam a Licenciatura com o objetivo primário de se tornarem docentes de música, mas por não encontrarem espaço nos cursos de bacharelado, seja por terem interesses voltados à música popular ou por tocarem instrumentos para os quais não havia curso de bacharelado, como guitarra ou bandolim. O estudo ocorreu logo após a implantação do Bacharelado em MPB na UNIRIO, em 1998, o que a autora considera que pode ser uma justificativa para esse argumento. No entanto, outras questões apontadas pela autora, que envolvem a preferência

dos alunos pelo curso de Licenciatura, se repetem na atualidade e em outros cursos similares no Brasil: A pouca disponibilidade de instrumentos do universo popular nos cursos de bacharelado, incertezas profissionais que cercam a carreira de instrumentista e o tratamento dos cursos de bacharelado, composição e regência em relação às exigências técnicas aos alunos e à canonização de repertório e de práticas musicais, muito centradas no aprendizado tradicional da música de concerto.

Com efeito, Luis Queiroz (2017) investigou os programas e currículos das universidades públicas brasileiras de música e constatou que tanto a prática como a formação dos professores se relacionavam majoritariamente à música de concerto. Segundo o autor, 100% das instituições pesquisadas contemplavam a música erudita nos cursos de graduação, e apenas 40% delas ofereciam cursos ou habilitações de música popular. Além disso cerca de 85% dos conhecimentos e saberes ofertados pelos cursos, tanto nos bacharelados quanto nas licenciaturas, eram relacionados ao universo da música erudita, e apenas 10,5% do total dos cursos tinham como foco a música popular ou produção musical (QUEIROZ, 2017, p. 149).

Solange Gomes (2016) apresentou um trabalho com resultados de sua pesquisa de doutorado, cujo objetivo foi investigar a inserção profissional dos egressos de Licenciatura em Música das Instituições de Ensino Superior (IES) do estado do Paraná de 2009 a 2014. Segundo a autora, dos 200 egressos que declararam estar trabalhando após a conclusão do curso, 32% trabalhavam como professores de música na educação básica, 69,50% em ambientes extraescolares e 70,50% em outras áreas da música além da docência. Ainda que as percentagens revelem a multiplicidade de atuação dos egressos, como professores, instrumentistas e fora do campo da música, é significativo que apenas 32% dos egressos atuassem na educação básica, uma área específica de trabalho dos licenciados, uma vez que é um dos únicos setores que exigem a formação em Licenciatura para o ingresso na carreira. Gomes (2016) aponta algumas justificativas para essa baixa adesão: Falta de concursos públicos na área, baixa remuneração e a falta de reconhecimento profissional como professor de música.

Edson Moreira (2019) apurou em seu trabalho dados semelhantes. Fazendo um estudo com os egressos do curso de Licenciatura na modalidade remota na Universidade de Brasília, constatou, primeiramente, que 83,3% dos egressos estavam trabalhando na área de música após a graduação. Destes, 27,3% trabalhavam em escolas livres de música, 20,5% de no ensino regular em escolas públicas, 20,5% em espaços não formais de ensino de música,

11,4% em projetos culturais e/ou sociais e 9% no ensino regular em instituições de ensino particulares.

Diante dessa constatação é necessário apontar caminhos que lidem com esta realidade de trabalho dos egressos de Licenciatura em Música e verificar como a sua formação condiz com esta realidade. Luciana Requião (2020) aponta para a precarização no mercado de trabalho dos músicos populares no Rio de Janeiro, submetidos cada vez mais a uma lógica de atuação que condiciona o músico aos princípios da economia liberal. Segundo a autora:

A figura do músico trabalhador vem sendo substituída pela do microempreendedor individual. Do nosso ponto de vista, o que ocorre é um acirramento na precarização das relações de trabalho, e, tal qual nos demais setores produtivos, os músicos estão à deriva, entregues a um mar de incertezas (REQUIÃO, 2020, p. 23).

Embora o foco da pesquisa da autora seja a atuação profissional dos músicos como instrumentistas, sobretudo em bares e shows, é possível estabelecer um paralelo com a atuação de professores de música. Em um trabalho anterior, Requião (2003) mostrou resultados seu mestrado, onde caracterizou o instrumentista que também leciona como músico-professor, e demonstrou sua atuação no que a autora chama de escolas de música alternativas, ou seja, aquelas não vinculadas ao ensino regular.

Minha a observação cotidiana como docente em música em ambientes não escolares confirma essa constatação. São necessárias e bem-vindas as pesquisas de fazeres e transmissão musical em contextos não acadêmicos, como Queiroz (2020) aponta. Algumas pesquisas têm despontado nos últimos tempos, como os trabalhos sobre o ensino do choro de Greif (2007), Pereira (2018) e Rosa (2020); sobre o ensino de cordas friccionadas para adultos, os trabalhos de Alba Souza (2009) e João R. Souza (2016). Arroyo, Bechara e Paarmann (2017) apresentaram resultados sobre a utilização da internet na educação musical por jovens. Vale destacar que entre o final de 2020 e início de 2021 surgiram interessantes trabalhos sobre o ensino de música à distância no contexto da pandemia, como os de Vieira e Miguel (2021), sobre o impacto da utilização de máscaras na performance vocal, a composição coletiva de crianças no ensino à distância neste período (FRAGOSO, 2021) e os aspectos relacionados à adaptação ao ambiente virtual de um curso de oboé na Universidade Federal da Paraíba (DOMINGUES; NODA, 2021). A pesquisa no campo de ensino deve também se estender a aulas particulares de música, ensino em projetos sociais, bandas, igrejas evangélicas, e sobretudo na atualidade, sobre o crescente mercado de cursos de música online oferecidos nas redes sociais como o *Youtube*. As aulas de música à distância tornaram-se a única alternativa de renda para muitos professores da área, face às restrições impostas pela

pandemia de COVID-19. A área tem espaço de mais estudos específicos de ensino de música em ambientes não escolares.

Os dados de Gomes (2016), demonstram, no estado do Paraná, que nos espaços não escolares de ensino de música, 65,46% dos egressos trabalham com aulas particulares, 51,07% em escolas especializadas em música, 35,97% em outros espaços não formais de ensino e 31,61% em projetos sociais. Paralelamente, Moreira (2019) demonstra um quadro similar em Brasília. Diante dessa realidade é necessário questionar se os cursos licenciatura atualmente estão preparando profissionais para atuar neste mercado tão diverso e com públicos tão distintos. Dessa maneira, é fundamental entender quais são esses espaços de atuação do egresso em Licenciatura em Música e oferecer condições, dentro da universidade, para que o ele esteja preparado para atuar neste mercado diverso e cada vez mais desafiador.

3. Propostas para a formação universitária e atual profissional do Licenciado em Música

Queiroz (2020) alertou para herança de colonialidade existente no ensino superior atualmente, e propõe soluções para se pensar em uma ruptura decolonial nas práticas e currículos das universidades, que vale a pena elencar:

1. Conhecer e incorporar diferentes tipos de música produzidos no Brasil e em outros contextos culturais do mundo;
2. Criar diálogos efetivos entre os cursos de formação superior em música e a realidade musical que circunda as universidades;
3. Conceder e implementar novas estratégias de formação de organização curricular a partir da diversidade musical;
4. Incorporar a criação como elemento fundamental para uma ação educativa decolonial em música;
5. Instituir a pesquisa como estratégia efetiva para uma formação em música pautada na produção de conhecimento
6. Trabalhar música como um fenômeno complexo e amplo que abrange ética e justiça social (QUEIROZ, 2020).

Estes pontos, se adotados para repensar o ensino de música nas universidades, estariam cumprindo a função de preparar melhor o licenciado para o mercado com o qual irá lidar. Na licenciatura deve ocorrer um diálogo maior com este ambiente diverso de ensino música e discutir a prática que já existe no cotidiano do licenciando em Música. Em aulas particulares, é preciso pensar como trabalhar com diferentes faixas etárias, incluindo idosos, e como adequar repertório e métodos às expectativas deste público. É necessário discutir políticas de valores, faltas e reposições, que influirão na estabilidade financeira dos estudantes. Na atuação em projetos sociais, bandas, igrejas e espaços institucionalizados, pensar em como lidar com a realidade socioeconômica e cultural de cada público, e como se adaptar em casos de condições precárias de trabalho e de falta de instrumentos. Em projetos sociais, olhar para as questões de vulnerabilidade social e relacionamento com famílias

precisam ser vistas com atenção, pois afetarão diretamente o desempenho e a assiduidade dos estudantes. Em igrejas, atentar para as motivações dos alunos, limitações e imposições de repertório.

O domínio dos recursos tecnológicos e digitais é um ponto que merece especial atenção na época atual, com um cenário de incerteza face à evolução da pandemia. Em 2020, rapidamente professores de música tiveram que se adaptar ao ensino à distância e as suas questões: Conhecimento de plataformas de videoconferência; problemas de conexão e acesso à Internet, compartilhamento de materiais, recursos de edição e gravação de vídeos, recursos digitais de ensino de música e impossibilidade de sincronização de sons nas práticas em conjunto. Independente da duração da pandemia, o ensino digital de música se consolidou em 2020 e mostra uma tendência para que estas ferramentas permaneçam, como foi demonstrado anteriormente por Daniel Gohn (2008, 2020). Além disso, as redes sociais e o mercado de aulas online, com cursos, *Youtube* e sites de divulgação de aulas, permeiam este universo, pois são alternativas de renda importantes em uma época em que este aspecto se mostra essencial para a permanência de músicos em sua área de atuação. Acredito que esta questão precisa ser discutida dentro do ambiente dos cursos de Licenciatura em Música, se não abordada diretamente em disciplinas específicas, em formas de palestras e cursos de capacitação para lidar com as plataformas digitais, entre outras iniciativas.

4. Considerações finais

Este trabalho demonstrou que em ao menos três localidades diferentes no Brasil, existe uma quebra de expectativa de estudantes de Licenciatura em Música, em relação aos seus anseios referentes à formação universitária, face à realidade encontrada na atuação profissional. Os levantamentos de Gomes (2016) e Moreira (2019) revelaram que uma percentagem alta de egressos que não são absorvidos pelo sistema educacional regular e trabalham em contextos extraescolares de música, assim como em outros campos profissionais, em cidades e regiões distintas. A atuação no contexto extraescolar não seria um problema em si, não fosse a precariedade e falta de estabilidade que professores de música enfrentam nesses ambientes, conforme foi discutido por Requião (2020). Por outro lado, vimos pelo estudo de Travassos (1999) que a formação do Licenciado em Música no contexto de uma universidade carioca demonstrou a existência de um problema mais profundo: a falta de um currículo universitário que abranja uma diversidade de abordagens musicais e de grupos sociais ali representados. Existe, portanto, um cenário em que ao estudante de

Licenciatura em Música se apresenta um desafio: Ter uma formação que contemple a possibilidade de atuar em diferentes campos de atuação da música, seja em performance, no ensino à distância, no ensino em escolas, igrejas, projetos sociais e para pessoas em situação de vulnerabilidade. As dificuldades impostas pela pandemia de COVID-19 agravaram a situação do egresso em música, impondo novas tarefas, como a aquisição de habilidades de tecnologia e a difícil missão de lecionar música à distância, com as questões inerentes à impossibilidade de sincronizar sons e de se ensinar sem o contato físico que a atividade musical muitas vezes requer.

Dessa maneira, é fundamental que os cursos de música da universidade olhem para essas questões e pensem em alternativas para adequar o currículo dos cursos de Licenciatura em Música às necessidades dos estudantes. Indo além, os cursos de música como um todo devem repensar seus currículos para que as práticas decoloniais e multiculturais se estendam a todos os cursos (instrumentos, composição, regência, etc). É necessário que o curso de Licenciatura em Música se destine a estudantes que desejam a formação específica neste campo, e que saiam preparados em atuar em quaisquer ambientes de ensino de música, sejam escolares ou extraescolares. Este egresso também irá atuar na performance e produção musical, e este fator também tem que ser levado em consideração na abordagem curricular.

Referências

- ARROYO, Margarete; BECHARA, Silvia Regina C. C.; PAARMANN, Heraldo. Educação musical, jovens e pesquisa na internet: compartilhando procedimentos metodológicos. *OPUS*, [s.l.], v. 23, n. 3, p. 67-90, dez. 2017. ISSN 15177017. Disponível em: <<https://anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/opus2017c2304/460>>. Acesso em: 27 set. 2021.
- DEL-BEN, Luciana. Sobre os sentidos do ensino de música na educação básica: uma discussão a partir da Lei nº 11.769/2008. *Música em Perspectiva*, [S.l.], v. 2, n. 1, nov. 2010. ISSN 2236-2126. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/musica/article/view/20040> . Acesso em: 26 set. 2021.
- DOMINGUES, R. S. V.; NODA, L. Aperfeiçoamento e Capacitação em Performance Musical: estratégias de trabalho na pandemia. *Revista Música*, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 17-36, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/186430>. Acesso em: 27 set. 2021.
- FRAGOSO, D. A pandemia cantada pelas crianças: composição coletiva de canções em aulas remotas na escola básica. *Orfeu*, Florianópolis, v. 6, n. 2, p. 235-266, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/orfeu/article/view/18506>. Acesso em: 27 set. 2021.
- GOHN, D. M. Aulas on-line de instrumentos musicais: novo paradigma em tempos de pandemia. *Revista da Tulha*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 152-171, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadatulha/article/view/170749>. Acesso em: 27 set. 2021.
- GOHN, Daniel. Um breve olhar sobre a música nas comunidades virtuais. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 19, 113-119, mar. 2008.

- GOMES, S. M. *A inserção profissional de licenciados em música: um estudo sobre egressos de instituições de ensino superior do estado do Paraná*. Tese (Doutorado em música) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- GREIF, E. L. *Ensinar e aprender música: o Bandão no caso Escola Portátil de Música*. Tese. (Doutorado em Música) – Programa de Pós-Graduação em Música, 2007.
- MOREIRA, Edson. *O perfil do egresso do curso de licenciatura em Música a distância da UnB e sua inserção no mercado de trabalho*. Tese (Doutorado em Música). Universidade de Brasília. Brasília, 2019.
- PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. “Mão na Roda”: uma roda de choro didática. *Opus*, v. 25, n. 2, p. 93-121, maio/ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.20504/opus2019b2505>
- QUEIROZ, L. R. S. (2020). Até quando Brasil? *PROA Revista De Antropologia E Arte*, 1(10), 153-199. <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/proa/article/view/3536>.
- QUEIROZ, Luis. Traços de colonialidade na educação superior em música do Brasil: análises a partir de uma trajetória de epistemicídios musicais e exclusões. *Revista da ABEM*, v. 25, n. 39, p. 132-159, 2017.
- REQUIÃO, Luciana. Escolas de música alternativas e aulas particulares: uma opção para a formação profissional do músico. *Cadernos do Colóquio*. Rio de Janeiro: CLA/UNIRIO, ano IV, p. 98-108. 2003.
- REQUIÃO, Luciana. Mundo do trabalho e música no capitalismo tardio: entre o reinventar-se e o sair da caixa. *Opus*, v. 26 n. 2, p. 1-25, maio/ago. 2020. <http://dx.doi.org/10.20504/opus2020b2603>. Acesso; 26 out. 20.
- ROSA, Luciana F. *Relações entre escrita e oralidade na transmissão e práxis do choro no Brasil*. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Música da Escola de Comunicações e Artes USP, São Paulo, 2020.
- SOUZA, Alba Cristina. *O perfil de adultos em aulas de instrumentos de Cordas friccionadas: violino, viola, violoncelo e contrabaixo*. Brasília, 2009. 98f. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade de Brasília, Brasília, 2009.
- SOUZA, J. R. *O ensino coletivo de cordas friccionadas produzido no SESC-Consolação, comparado com propostas de ensino coletivo realizadas no Reino Unido e nos EUA: Trajetória histórica, diferenças e similaridades pedagógicas e socioculturais*. Tese de Doutorado – IA/ UNESP, São Paulo, 2016.
- TRAVASSOS, Elizabeth. Redesenhando as Fronteiras do Gosto: estudantes de música e diversidade musical. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 5, n. 11, p. 119-144, out. 1999.
- VIEIRA, M. S.; MIGUEL, F. Máscaras ao rosto e tampões à boca: implicações na voz para a performance do professor que canta. *Revista Música*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 1-16, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica/article/view/180832>. Acesso em: 26 set. 2021.